

Dentre os guardados

José Arthur Giannotti*

Resumo: Com sua noção de “tempo lógico”, o método estrutural goldschmitiano é avesso à temporalidade e à história? O tempo lógico não seria, ao contrário, uma nova articulação dos “instantes” em que cada sistema verdadeiramente filosófico se põe em ligação com os demais? Se Goldschmidt retira os sistemas do tempo, não é para acusar o encapsulamento dogmático de cada um deles, como interpreta Porchat, mas para recolocá-los numa dimensão em que esses “átomos” podem ser articulados.

Palavras-chave: Victor Goldschmit – método estrutural – tempo lógico

Sentia-me obrigado moralmente a participar deste número comemorativo da revista *Discurso*, mas não encontrava tema apropriado à ocasião. Foi quando Maria Lucia Cacciola me perguntou se teria alguma coisa entre meus guardados. Mas onde, já que sou inteiramente perdulário? Não é que sua sugestão foi feita enquanto esperávamos a conferência de Oswaldo Porchat, no Encontro da Anpof? Bastou ele começar a discorrer sobre sua visão do método estruturalista e rememorar suas relações com Victor Goldschmidt, e me dei conta de que tinha guardado de ambos memórias muito diferentes. Já que o Departamento de Filosofia da USP foi igualmente marcado por experiências semelhantes, tanto nossas como de outros colegas que nos sucederam em Rennes, vale a pena contar essa história de meu ponto de vista.

* Professor aposentado do Departamento de Filosofia da USP. Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Minha amizade com Porchat cai sob o conceito aristotélico de amizade, mas invertido, pois me torno mais amigo dele quanto mais penso de outro modo. No que respeita a Goldschmidt esse espelhamento invertido chega à perfeição, pois acredito ter aprendido dele que não se pode ser filósofo sem que se reflita minuciosamente sobre a própria historicidade da filosofia. Noutros termos, não se faz filosofia sem que se pense como ela se relaciona com o tempo, não o tempo da história dos povos e das civilizações, mas como ela mesma é autora de sua temporalidade. Repor, escreve ele, “os sistemas num tempo lógico é compreender uma independência, relativa talvez, mas essencial, em relação aos outros tempos em que as pesquisas genéticas os encadeiam” (Goldschmidt 2, p. 144). É de notar que o tempo lógico mantém uma relação, talvez relativa, mas essencial com outros tempos de tipo histórico. Feita a diferença, ela implicaria, porém, que cada sistema tenha seu próprio tempo lógico, de tal modo que se tornam incomensuráveis? Mas falar do ceticismo de filósofos muito diferentes como Pirro e Hume não equivale a mostrar alguma estrutura comum? Não possui o tempo lógico sua própria historicidade, mas de tal modo que cada sistema filosófico venha a ser ele mesmo toda a filosofia, embora sejam diferentes na ordem das razões?

Foi assim que entendi a lição de Goldschmidt, talvez porque a convivência com Martial Guéroult me vacinara contra o perigo de retirar a procura da ordem das razões do terreno tanto neokantiano como neo-hegeliano de onde procedia. Cabe lembrar que Guéroult começou a escrever seu livro sobre Fichte num campo de concentração, onde estava no final da Primeira Grande Guerra, em contato direto com a filosofia alemã da época. Tanto é assim que não deixa de notar a enorme influência de Hegel para a construção de sua própria metodologia. Quando afirma que os textos de um grande filósofo contêm toda a filosofia, não ecoa a tese hegeliana de que essa manifestação do Espírito é todo o Espírito? Mas o que vem a ser então essa totalidade estrutural de cada sistema que pretende ser toda a filosofia, sem que, simplesmente por formular esta pergunta, se caia nas artimanhas do Espírito Absoluto? Desse engano de tomar cada sistema como uma unidade em si mesma, incomensurável com aquela do outro, também me vacinaram

Gilles-Gaston Granger e Jules Vuillemin, que sempre aliaram estudos de história da filosofia com a história dos sistemas científicos. É bem verdade que cada um deles pensa essa historicidade em termos diferentes. Granger, por exemplo, aproxima-a da história do existente, e Vuillemin, de uma combinatória das razões. Como a pensa Goldschmidt?

Convém inserir seu texto sobre as duas espécies de tempo, em primeiro lugar, no diálogo constante que mantinha com os discípulos de Henri Bergson, para os quais um sistema filosófico era antes de tudo desenvolvimento mole de uma intuição originária. É por isso que designa o processo de desdobramento das razões como *tempo lógico*, isto é, temporalidade instituinte da própria razão entendida como *lógos*. Iguamente esse me parece ser o ensinamento de suas aulas. Quando estava a redigir meu texto sobre Stuart Mill, escrevi-lhe dizendo que também eu tentaria encontrar uma ordem da razão em meu autor (puro engano, pois os escritos desse filósofo me serviam para falar mal dele e fazer o elogio de Edmund Husserl). A resposta foi imediata: cabia-me entender Mill com ou sem ordens de razões, cuidando da boa leitura dos textos. Preciso desentocar essa carta nos “meus guardados”.

Vale ainda lembrar que Goldschmidt conhecia muito bem Heidegger, embora se recusasse a falar dele, como se recusava até mesmo a lembrar sua origem alemã. Ao ser perseguido pelo nazismo, refugiara-se na França, lutara contra o Exército alemão, fora feito prisioneiro, sendo poupado porque felizmente não fora identificado como judeu. Mas, depois dessa trágica experiência, recusava-se até mesmo a pronunciar uma única palavra de sua língua materna. Não é curioso, porém, que se refira a um tempo lógico contrastado a um tempo histórico, contraposição que vem a ser um dos temas do autor de *Ser e tempo*, algumas vezes citado, aliás, em seus livros? Como outros membros de sua família, tinha profundo interesse pelas questões morais e jurídicas. Lembro-me dele sempre preocupado com o direito natural e com o positivismo de Kelsen. Ora, se formos reler seus escritos sobre filosofia antiga, perceberemos o quanto ressaltam essas questões. Mas isso de um ponto de vista muito particular. Por exemplo, ao estudar como o conceito de igualdade vem a ser visto pelos modernos como a imagem invertida

do que pensavam os antigos, não estaria à procura de um filosofema que haveria de ser pensado de vários pontos de vista? A multiplicidade histórica dos sistemas filosóficos, sua temporalidade linear, não haveria de ser substituída pelo jogo lógico de tais filosofemas? A filosofia não seria então uma espécie de eterno retorno do mesmo? No máximo, de alguns mesmos *típicos*. Note-se que é a idéia tradicional de razão que foi por água abaixo.

Tanto não nega a questão da unidade dos sistemas filosóficos que, em seu texto mais conhecido, escreve: “O ‘pleroma’ das filosofias jamais poderá constituir-se pela concordância intemporal dos dogmas; eis aí o contra-senso fundamental de toda tentativa de ecletismo. Para constituí-lo solidariamente, seria preciso unificar os diferentes tempos lógicos, mas sem recorrer ao tempo histórico (que não pode contê-los), nem a um tempo universal à maneira hegeliana (que os desregra e esmaga). Esse tempo único englobante, não se pode concebê-lo senão à maneira da *idéia kantiana*, tentando-se unicamente, transpondo uma indicação dada por Bergson, restituir fragmentos dele que sejam comuns a duas consciências (filosóficas), ‘suficientemente aproximadas uma da outra’, para ter o ‘mesmo ritmo de duração’ [...]; o historiador instituirá tais comparações – sem levar em conta, necessariamente, o tempo histórico – entre pensadores cujo ‘comportamento’ filosófico ofereça estruturas aparentadas” (Goldschmidt 2, p. 146; sou eu quem grifa). Agora o tempo lógico é pensado como idéia reguladora que inspira um sistema, mas também encaminha comparações entre eles, as quais os aproxima na medida em que se mostram marcados por matrizes semelhantes. Tanto é assim que as pesquisas sobre as “formas de pensamento” são citadas como exemplos desse método. Descobrir num sistema um tempo lógico é sair dele à procura de estruturas aparentadas.

Isto é dito explicitamente no extraordinário *Le système stoïcien et l'idée de temps* (idem 1, p. 196-7) – de novo o problema do tempo. No final da introdução nos lembra ser possível estudar os pós-estóicos, embora sob reservas, comparando seja os temas da doutrina, seja o caminhar do método. A despeito de seu caráter fragmentário, esses paralelos permitirão investigar o estoicismo de um Descartes, de um Espinosa, de um Kant e de autores mais recentes. No que consistem, porém, tais fragmentos? Ao examinar

a experiência estóica do tempo, indica como pensa sua noção de estrutura. Trata de mostrar que o método analítico dos estóicos consiste em desconstruir a duração; em vez de tomar as representações em bloco nela distribuídas, procura nesse complexo o único elemento verdadeiramente real, aquele em que o acontecimento está rigorosamente presente. E prossegue: “Observemos, de passagem, que essa análise liga-se diretamente ao que a filosofia contemporânea chama ‘as estruturas’”. E continua citando um texto de Marco Aurélio: “Tu podes fazer pouco de um belo canto, da dança, do pancratos. Se se trata de uma ária melódica, basta decompô-la em suas notas e, a cada uma, perguntar-te se tu poderias resistir a elas. Tu não ousarias reconhecê-lo”. Além da intenção moral desse texto, lembra Goldschmidt, percebe-se um antibergsonismo por antecipação, pois contra a duração melódica fenomênica trata de dissipar o presente num instante infinitesimal.

Se o tempo lógico consiste numa nova articulação desses instantes, desses átomos de pensamento, não é porque cada sistema verdadeiramente filosófico quase resulta no repensar repetido de uma mesma “substância”, no sentido que lhe atribui o *Tractatus*? Aí Wittgenstein nos diz que, do mesmo modo de que não podemos pensar em objetos espaciais fora do espaço, temporais fora do tempo, não podemos pensar qualquer objeto fora da possibilidade de sua ligação com os outros, de sorte que, se conheço o objeto, conheço também todas as possibilidades de seu aparecimento em estados de coisa. Assim considerados, os objetos formam a substância do mundo. Mas, no mundo da filosofia, não se pode saber de antemão se existe uma ou várias dessas “substâncias”. A idéia reguladora de unidade é apenas um apelo para a investigação.

Não é à toa que Goldschmidt pensa cada sistema filosófico muito mais próximo da reflexão da obra de arte do que do desdobramento de uma axiomática. A que serviria a busca de “filosofemas”, por assim dizer, certas estruturas de raciocínio que, inseridas em cada sistema, adquirem sentidos diferentes, a não ser para pensar, como diria Hegel, a identidade da identidade da diferença? Mas, ao recusar explicitamente a noção hegeliana de identidade, Goldschmidt não estaria sendo empurrado para Heidegger e Merleau-Ponty? Aliás, ele sempre me dizia que meus estudos sobre Husserl

seriam incompletos se não chegasse a considerar as novas posições desse último filósofo. Lembremos ainda que se impusera, como uma de suas principais tarefas, procurar essências no pensamento de Bergson, ao contrário do que faziam os bergsonianos. E não deixa de ser sintomático que Bento Prado Jr. foi estudar esse filósofo.

Porchat, como Goldschmidt, retira cada sistema do curso da história e do fluxo das intenções psicológicas do autor, mas para isso substitui a unidade problemática da idéia reguladora por uma estrutura existente, que me parece muito mais próxima de uma forma aristotélica e tomista do que dessa unidade constituída por átomos de pensamento movendo-se num tempo lógico. Daí ser obrigado a perceber, na multiplicidade dos sistemas filosóficos, uma diafonia, uma dispersão de elementos incomparáveis e sem qualquer forma de temporalidade entranhada ao próprio ser de cada um de tais sistemas. A não ser a reflexão dessa incomensurabilidade a que ele dá o nome de ceticismo.

Soltos no tempo, de certo modo desligados do eterno retorno do mesmo, só lhe resta separar filosofia da história da filosofia. Já que cada sistema estaria em busca da verdade fora de um mesmo tempo lógico, a multiplicidade deles resulta em que não são nem verdadeiros nem falsos, de sorte que convém deixá-los à fantasia dos metafísicos e tratar de compor mais uma filosofia, aquela do senso comum. Mas, se o novo ceticismo se resolve em dizer que tudo é aparência, embora dentre elas cabendo distinguir as mais efetivas das mais duvidosas, esse discurso, antes de ser nova filosofia, não se resume tão-só em repetir a tese positivista contra a metafísica? É o que me parece ser a conclusão do fiel escudeiro Plínio Junqueira Smith, que termina seu ensaio sobre “Razão, invulnerabilidade e ceticismo” com estas estranhas palavras: “Não há uma racionalidade que alcance um conhecimento absoluto, e nossa racionalidade humana estará sempre imersa em nossas práticas cotidianas. Se nos limitarmos à concepção trivial de objetividade, não há por que desconfiar de nossa razão humana, nem da possibilidade de conhecimento” (Smith 3, p. 200). Em primeiro lugar, quais são esses filósofos que acreditam em “conhecimento absoluto”, e qual o sentido que atribuem a esse conceito de absoluto? Segundo, as razões práticas e técnicas do

antigo ceticismo convertem-se no conhecimento em geral. Terceiro, se cada sistema possui seu próprio tempo lógico criado a partir de filosofemas, não é a própria idéia de razão que está sendo posta em xeque?

O método, o estruturalismo ou como se queira chamá-lo, serviu-nos antes de tudo para pôr em xeque o historicismo vigente entre nós nos anos 50. Imperava um positivismo tão entranhado, que nem mesmo se lembrava a lei dos três estados de Comte, enquanto o marxismo da Terceira Internacional pensava a história como um varal em que se põem os acontecimentos. Lembremos ainda que a fenomenologia era considerada, no Departamento, ideologia de direita, e não foi sem desgosto que Cruz Costa me viu estudando Husserl. Nunca teríamos imaginado que o elogio do estruturalismo, a busca obstinada das razões de cada filosofia, pudesse vir a alimentar a mera doxografia, que transforma teses filosóficas num emaranhado de opiniões. Somente desse ponto de vista vem a ser possível falar no discurso filosófico, como se todos os discursos pudessem situar-se numa única dimensão temporal fora de seus elementos lógicos. Estou com Porchat quando combate os doxógrafos ou aqueles que contraem casamento indissolúvel com um único filósofo, mas me parece que sua cruzada seja antes de tudo a luta contra si mesmo, contra uma interpretação do estruturalismo que talvez tenha a ver com seu passado dogmático. Se cada sistema de filosofia é um dogma encerrado em sua própria temporalidade, sua negação tende a tornar-se um asceticismo cético contra qualquer reflexão sobre o ser e o tempo, substituída pela crença dogmática no senso comum sem razões ou conivente com uma racionalidade científica que se recusa a investigar o sentido de suas próprias razões.

abstract: The notion of ‘logical time’, which is central to Mr. Goldschmidt’s conception of structural method, is said to isolate philosophical texts from all temporal and historical element. But ‘logical time’ should rather be seen as a new type of articulation of the instants in which each truly philosophical system connects itself with the others of its kind. If Mr. Goldschmidt extracts philosophical systems from time, it is not, as says Mr. Porchat, to show a supposed dogmatism inherent to all systematic philosophy, but to set them, as it were as articulate atoms, in a new dimension.

Key-word: system – time – structure

Referências Bibliográficas

1. GOLDSCHMIDT, V. *Le système stoïcien et l'idée de temps*. Paris, Vrin, 1953.
2. _____. *A religião de Platão*. Trad. de I.P. Pereira & O. P. Pereira. Pref. de O.P. Pereira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, 2ª ed.
3. SMITH, P.J. "Razão, invulnerabilidade e ceticismo". In: Rouanet, L.P. & Silva Filho, W. *Razão mínima*. São Paulo/Salvador, Unimarco/Arcádia, 2004.